

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



A INTEGRAÇÃO DA MEMÓRIA DA MÃE D'ÁGUA DE MIJAVELHAS NA ESTAÇÃO DO CAMPO 24 DE AGOSTO

Manuel Paulo Teixeira / Metro do Porto S.A. / manuel.p.teixeira@metro-porto.pt

RESUMO

A obra de implementação do Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto, constituiu uma oportunidade única para colocar a descoberto, pedaços de história esquecidos no tempo. Entre eles encontra-se a Arca d'Água do Campo 24 de Agosto. Este sujeito arqueológico, arquitectónico e urbanístico, criou desde a sua descoberta um objectivo comum: - proceder à sua musealização. No entanto, a sua complexidade formal e subsequentemente interpretativa, obrigou os membros da equipa de projecto a saírem da sua área de conforto para iniciarem um diálogo profundo sobre: “O que preservar”; “como Expor”; e “como Explicar”. É sobre este exercício dialéctico e sobre o seu resultado, que assenta esta comunicação.

ABSTRACT

In 1999, the beginning of the construction of the underground station “Campo 24 de Agosto” in Porto city, unveiled an important archaeological and architectural construction. Along 5 centuries, an water well became a water ark and latter on, after been buried by the nature, was improved to be a bigger reservoir. Following this evolution, several structures were made to better integrate it in the terrain, and at the same time improved his function. At the front wall of the Ark, the royal arms indicate the importance of the object and led the aim of Archaeologists, Architects and Engineers to preserve it, and show it inside the future station. But how? Which part of it? That's what I want to talk about in this article. How the same archaeological find induced different perceptions and problems.

1. INTRODUÇÃO

O processo de implementação do sistema de metro ligeiro na área metropolitana do Porto, comumente conhecido por Metro do Porto, foi à época o maior projecto europeu na área dos transportes. Tratava-se de dotar uma vasta área intermunicipal do território nacional, de um novo modo de transporte de massas que representava o estado da arte ao nível da tecnologia e da sustentabilidade ambiental. Tal enquadramento fez com que se reunisse uma vasta equipa de técnicos, das mais diversas disciplinas e sensibilidades em torno de um objectivo comum. Entre estes actores, importa destacar para esta história os arqueólogos, os arquitectos e os engenheiros.

Para melhor enquadramento, há que referir que o metro ligeiro é um modo de transporte urbano,

normalmente implantado à superfície através de várias adaptações da malha urbana. No caso do Metro do Porto, e por dificuldades de vencer as cotas do terreno na área central da cidade do Porto, optou-se por criar dois troços subterrâneos. Para esse efeito, construíram-se dois túneis e várias estações subterrâneas.

É precisamente durante a execução dos trabalhos preparatórios da construção de uma destas estações, a do Campo 24 de Agosto, que se descobre acidentalmente um reservatório de água subterrâneo. Tal facto levou à suspensão destes trabalhos, à revisão do projecto, e reavaliação do potencial arqueológico do local.

As obras de cariz hidráulico no subsolo do Porto não são uma novidade. No entanto, a existência da gravação em alto-relevo das armas reais, numa das paredes interiores do reservatório (Figura 1), bem

como uma laje de pedra gravada com a letra “P” no tecto lajeado da cobertura (Figura 2), levantaram suspeitas sobre a natureza do que ali estava.

2. O TRABALHO ARQUEOLÓGICO

Durante sucessivas campanhas, foi-se exumando meticulosamente aquela complexa estrutura, até se perceber que o reservatório era a última etapa da sua evolução arquitectónica. Ao mesmo tempo que se avançava no tempo actual com a ansiedade de quem tinha uma obra para concluir, percorriam-se os séculos até à génese do lugar.

A intervenção humana remonta à época medieval. Soubemos que no local corria um ribeiro numa orografia bastante mais acidentada do que a actual, e que perto deste havia uma nascente. O nome do ribeiro foi a primeira surpresa: – “Mijavelhas”. Nome estranho que fez muitos dos actores corar quando se referiam ao local e ao seu achado! Aproveitando a nascente, terá existido no local uma construção para o seu aproveitamento. Tratava-se de um poço escavado na rocha mas coroado com aduelas e muretes de perpianho, e que estaria provavelmente coberto por uma abóbada de berço; configuração habitual das ditas fontes de chafurdo. Na sua envolvente, existiam 2 tanques separados entre si, e um canal que conduzia a água até ao ribeiro.

O detalhe da descrição, mesmo não estando ao nível da precisão arqueológica, pode induzir no pensamento que esta construção se encontrava quase intacta! Mas não. Desta fase existem apenas reminiscências, marcas de fundações e alguns lajeados lidos como pavimento. No trabalho de investigação esta estrutura aparece referenciada em Fernão Lopes como sendo o Chafariz de Mijavelhas. Sabendo-se hoje que chafariz poderia ter o significado de poço ou nascente naquela época, então estaria a falar certamente desta construção.

A segunda fase evolutiva acontece já na época moderna, provavelmente entre o 1º e 2º quartéis do séc. XVI, e é referente à construção da Arca d'Água. Esta construção é aquela que transporta a pedra com as armas reais sendo também aquela que maior interesse gerou entre os actores do nosso tempo. Ela foi construída sobre o antigo chafariz não só com o intuito de melhorar o abastecimento local, mas também para dotar o edifício da capacidade de armazenamento. Trata-se pois, de um edifício de planta quadrangular com 3,64m de lado e provavelmente

a mesma dimensão na sua altura, construído contra a encosta do morro do Bonfim. No alçado frontal voltado a Poente (directão Porto), para além das armas reais, existem duas bicas de abastecimento, cada uma delas com um pio na sua base. Justaposto ao alçado frontal, encontra-se um espelho de água com o fundo em lajeado de granito, dividido em duas secções tendo cada uma delas a área aproximada do alçado da arca. Na zona envolvente às taças, encontra-se ainda uma vasta área pavimentada com cerca de 400 m² o que demonstra uma preocupação com o desenho urbano, mesmo estando a uma distância relevante do centro da cidade

Por fim o Reservatório. Esta terceira fase de evolução acontece já no séc. XIX, sendo que no séc. XVII as condições topográficas do local são significativamente alteradas. A abundância de água terá provocado uma enxurrada que soterrou a Arca e a sua envolvente próxima. Durante o séc. XVIII, o assoreamento da zona transformou a arca em poço acedendo-se a ela a partir da sua cobertura. Também neste período, e com a expansão da cidade, criaram-se várias ligações a esta por intermédio de pequenas galerias ou minas, as quais serviam para abastecer de água, outros pontos da cidade. Já no séc. XIX, procede-se então ao aumento da capacidade de armazenamento através da adição de uma estrutura arcada, criando-se deste modo uma galeria que circundava a arca.

Temos portanto 5 séculos de história concentrados numa única construção de contornos bastante complexos, cuja interpretação só foi possível decifrar graças à compreensão das camadas de terreno associadas.

3. AS DÚVIDAS

Durante o processo de descoberta das sucessivas fases evolutivas, o qual sucedeu pela ordem inversa e de acordo com a progressividade das campanhas arqueológicas, foi crescendo o entusiasmo em torno da equipa encarregue pelo projecto e construção da estação. Na fase final destes trabalhos, a musealização era já um compromisso assumido. Mas como fazê-lo? Desde logo surgiam 3 dúvidas de base, a saber:

1ª Onde expor?

As estações subterrâneas são por si só edifícios de grande complexidade e exigência funcional, onde a área pública representa apenas metade de toda a área

construída. A área técnica está destinada a albergar as salas e equipamentos que permitem o uso seguro do próprio edifício e o funcionamento do sistema de transporte.

Ora, a musealização deste sujeito arqueológico só poderia acontecer na área pública da estação, pelo que haveria de criar espaço destinado a este fim.

2^a O que expor?

Após o registo e armazenamento de todas as peças que compunham a construção, finalmente tínhamos a leitura completa do objecto. Este, era composto por sucintas fases de evolução, em que as camadas mais recentes encobriam as camadas mais antigas, como se de um fruto se trata-se. O epicarpo seria o Reservatório, o mesocarpo seria a Arca e o endocarpo seria o Chafariz, sendo a semente a Água.

3^a Como expor, e como explicar?

Esta dúvida estava directamente ligada com a anterior e assolava essencialmente a equipa de arquitectura e arqueologia. O complexo construtivo por si só, não explica a sua evolução. Ele precisava de contextualização, sendo que, o principal contexto que era o terreno e /ou a paisagem que originaram cada uma das fase, tinha desaparecido para sempre.

4. O DIÁLOGO

Dá-se então início ao diálogo árduo entre os diferentes actores, todos eles com a sua parte de responsabilidade na implementação do projecto.

Para a Engenharia, havia um problema que ultrapassava toda a valia e interesse patrimoniais, também por estes reconhecidos. Havia um amontoado de pedras matricialmente arrumadas e numeradas (Figura 5), que de alguma forma seriam transpostas para o interior da estação, adivinhando-se que esta carga significativa não seria distribuída por vários pisos, mas estaria concentrada num deles. Sendo estes os responsáveis contemporâneos por assegurar a *Firmitas dos edifícios, este facto obrigou a cuidados redobrados na elaboração dos projectos de estruturas*.

Para a Arquitectura, nomeadamente para o Arquitecto Eduardo Souto Moura (Figura 6), responsável pelo projecto da estação, havia que associar a um programa de organização espacial muito rígido, uma nova área que permitisse implantar o objecto patrimonial, sendo que este objecto tinha uma esca-

la demasiado grande para ser integrada no edifício, podendo comprometer-se o sucesso da sua visualização e interpretação. Por outro lado, as estações subterrâneas do Metro do Porto seguiam um processo de padronização do desenho arquitectónico e dos materiais que o compunham. A integração deste novo elemento, representava um desafio à versatilidade das soluções até então encontradas.

Já no que é referente à Arqueologia, nomeadamente para a Arqueóloga Dr.^a Iva Botelho (Figura 6), uma das responsáveis pela direcção dos trabalhos arqueológicos; havia que assegurar a correcta e completa interpretação do achado, através da sua representação física e histórica, evitando depurações ou adições que o descaracterizassem. Por outro lado, coube à arqueologia o trabalho pedagógico e de sensibilização dos vários actores, ajudando à valorização das estruturas construtivamente menos definidas ou mais degradadas, e como tal menos valorizadas do ponto de vista arquitectónico. Subsistia ainda o cuidado com a preservação dos elementos achados ante, durante e após a sua remontagem.

5. O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO

A consciência comum de que estávamos perante uma nova fase da vida daquele palimpsesto de granito, ajudou à definição do caminho a seguir. Uma tentativa de “congelar” a estrutura e apresenta-la despida do terreno que a suportou e envolveu, era desprovida de sentido e levaria a uma leitura errada da sua organização, da sua composição e da sua função. Por outro lado existiam elementos mais do que suficientes para recriar com fidelidade uma construção que, sendo nova, preservaria o valor arquitectónico e urbanístico do conjunto e das suas sucessivas fases.

Optou-se portanto pela remontagem parcial do conjunto, focada na fase de maior destaque ou seja a Arca e as suas taças, do séc.XVI. Para além desta, foi igualmente remontada uma parte da estrutura arcada do reservatório do séc. XIX, bem como o lajeado de cobertura que é comum à arca. A confirmar a contemporaneidade da remontagem decidida, e querendo evidenciá-la para as gerações futuras, caberia a um Engenheiro oferecer uma moeda de 1 Euro do ano de 2004 a qual foi colocada numa das juntas horizontais da construção.

Mas antes dessa comunhão de entendimentos, houve lugar um processo de aproximação de linguagens

de representação gráfica extremamente curioso! Efectivamente, os modos de representação gráfica da arqueologia, da arquitectura e da engenharia têm particularidades que turvam a leitura entre os diversos actores. Como tal, foram criados novos desenhos (Figura 7), com o estado de simplificação necessária à compreensão de todas as partes envolvidas.

Uma vez estabilizado o limite do que se iria remontar, foi reformulado o projecto de arquitectura criando-se um novo piso dedicado à exposição e musealização da Arca (mezanino baixo) (Figura 8). Este piso, situa-se a uma cota intermédia entre o nível -1 (mezanino alto), destinado à preparação da viagem ou da saída à cidade; e o nível das plataformas de embarque.

Esta opção teve por parte da arquitectura a intenção de colocar a Arca no centro de toda a volumetria da estação, permitindo deste modo a sua visualização a cotas distintas, e ajudando a compreender melhor a evolução do conjunto.

6. OS PRINCIPAIS DESAFIOS

Para a Engenharia, o desafio maior consistiu em encontrar soluções para dar resposta aos objectivos da arquitectura, nomeadamente à remontagem de parte significativa daquele conjunto construtivo em cima de uma laje situada num nível intermédia da estação, e por outro lado a criação de um negativo de grandes dimensões na laje do piso -1, de modo a permitir a vista superior do conjunto arquitectónico, nomeadamente do lajeado de cobertura onde se situa a pedra com a marca “P” (Figura 9).

A Arquitectura centrou o seu diálogo no modo como seria vencida a dificuldade de remontar num plano totalmente nivelado, uma construção que tinha crescido sempre adoçada às condições do terreno, existentes em cada uma das suas fases evolutivas, e que por sinal teria sofrido alterações significativas. Havia portanto que criar a base de sustentação a partir da cota de piso, e simultaneamente tinham de ser definido o tratamento da área envolvente de modo a conseguir uma integração pacífica entre o elemento patrimonial e a linguagem arquitectónica da própria estação. Ambas as soluções passaram pela criação de suportes e revestimentos planos e de cor neutra, de modo a priorizar a percepção do que se pretendia expor (Figura 10).

Mas o processo de musealização não se resumiu à exibição do espólio. Essa exibição, sem mais, não

era suficiente para a compreensão do objecto. Como tal, houve também a necessidade de encontrar nesse espaço e com as ferramentas deste tempo, o modo de completar a informação. Neste âmbito utilizou-se uma das paredes para integrar um texto que, não sendo narrativo, abria caminho à interpretação do que se estava a ver. Em complemento, realizou-se um vídeo com uma simulação tridimensional de todo o processo evolutivo da construção e de transformação do terreno, desde a sua génese até aos nossos dias. A banda sonora deste vídeo resumiu-se ao som de água corrente, numa alusão directa ao motivo de tal edificação.

7. CONCLUSÃO

Em síntese, podemos afirmar que o que se pode ver actualmente na estação do Campo 24 de Agosto, não é mais do que o produto do compromisso entre as várias disciplinas envolvidas no processo da sua musealização. Mesmo tendo o objectivo e o entusiasmo comum em integrar a Arca de Mijavelhas no interior da estação, todos tinham as suas fronteiras de compreensão e de cedência. No entanto, todos se revêm nas opções tomadas, e todos reconhecem o papel enriquecedor deste processo, nomeadamente no diálogo interdisciplinar.

Há no entanto a noção, e mais do que isso a certeza, de que este processo de musealização está incompleto. Faltam ainda várias respostas às dúvidas de carácter científico que ficaram por apurar tais como: - Será abusivo afirmar-se esta arca como um dos exemplos relevantes da arquitectura renascentista portuguesa? Qual a data exacta da sua construção? Será o seu autor um dos conhecidos mestres pedreiros que viveram na cidade do Porto durante o séc. XVI? Sob que reinado foi mandada edificar?

Para estas perguntas existem já muitas pistas e algumas convicções. No entanto, parece verificar-se um estranho vazio documental referente a este período, e que poderia ajudar a compreender esta, e outras obras estudadas no âmbito dos trabalhos arqueológicos que foram realizados no âmbito da implementação do Metro do Porto. Fica a esperança de que um dia, algum dos viajantes em passagem por esta estação possa trazer as respostas.

Boa viagem!

BIBLIOGRAFIA

BOTELHO, Iva (1999) – *A arca d'Água do campo 24 de Agosto*. <http://www.metrodoporto.pt>.

BOTELHO, Iva (2000) – *Uma inspiração para o Arq.^o Souto de Moura*. <http://www.metrodoporto.pt>.

BOTELHO, Iva; GOMES, Filipe (2011) – *Trabalhos Arqueológicos no Campo 24 de Agosto. Relatório Final*. Arquivos IGESPAR (CNS-14 321), e da Metro do Porto S.A..

SANTOS, Maria José (2012) – *Uma Descoberta no Campo 24 de Agosto Afinal são dois os sítios arqueológicos do Corgo*. <http://www.metrodoporto.pt>.



Figura 1 – Imagem da pedra gravura em alto-relevo com armas reais, quando esta foi descoberta no interior do reservatório. Arquivo Metro do Porto, por Arq. Tomás Allen.



Figura 2 – Imagem de pedra gravada em baixo relevo com a letra “P”, ainda integrada no lajeado de cobertura do reservatório. Arquivo Metro do Porto, por Arq. Tomás Allen.



Figura 3 – Imagem aérea de uma das campanhas arqueológicas. Arquivo Metro do Porto, por Dr. Filipe Gomes, Arqueólogo.



Figura 4 – Imagem da estrutura arcada do interior do reservatório, registada em período anterior ao início das campanhas arqueológicas. Arquivo Metro do Porto, por Dr.ª Iva Botelho, Arqueóloga.



Figura 5 – Imagem da zona onde foram depositadas as pedras que compunham o espólio arquitectónico, após a sua exumação. Arquivo Metro do Porto, por Eng. Jorge Quelhas.



Figura 6 – Imagem do Arq. Souto Moura e da Dr.ª Iva Botelho, durante a fase de remontagem da Arca D'Água. Arquivo Metro do Porto, por Foto Engenho.

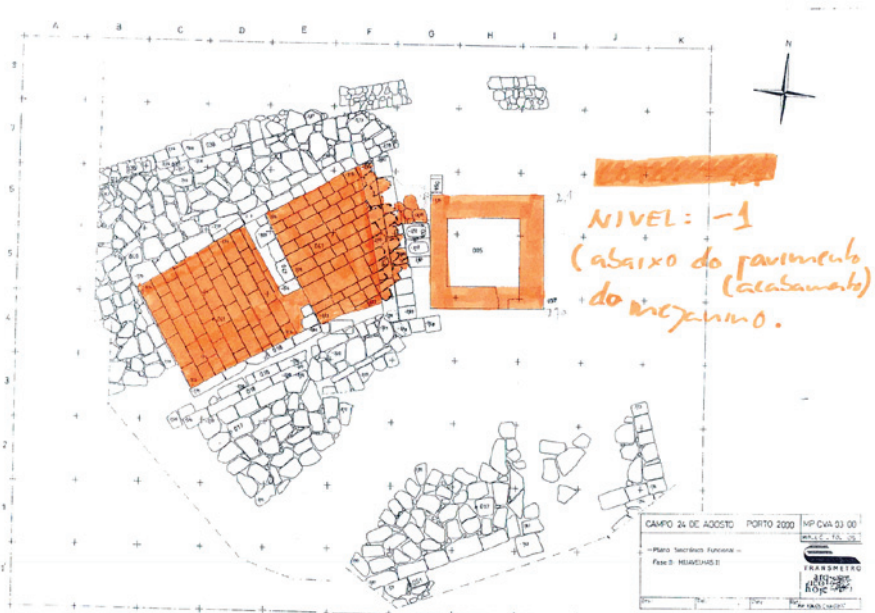


Figura 7 – Imagem de desenho de trabalho, concebido por Manuel Paulo Teixeira para explicação de uma das fases de remontagem da Arca D'Água. Arquivo Metro do Porto, por Arq. Manuel Paulo Teixeira.



Figura 8 – Imagem do Mezanino Intermédio da estação Campo 24 de Agosto, com a distribuição das pedras para posterior remontagem. Arquivo Metro do Porto, por Foto Engenho.



Figura 9 – Imagem do Mezanino Alto da estação Campo 24 de Agosto, nomeadamente do negativo criado para visualizar a arca de ângulo superior. Arquivo Metro do Porto, por Fernando Guerra – FG+SG.

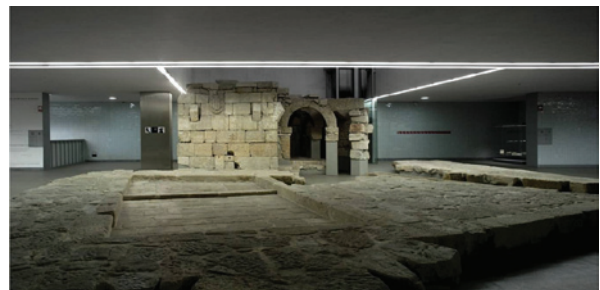
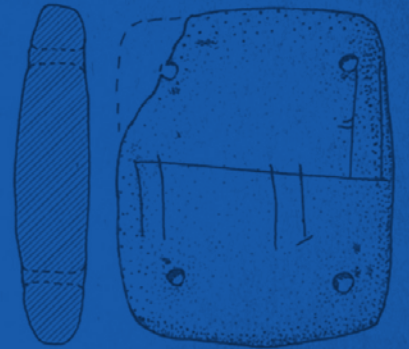
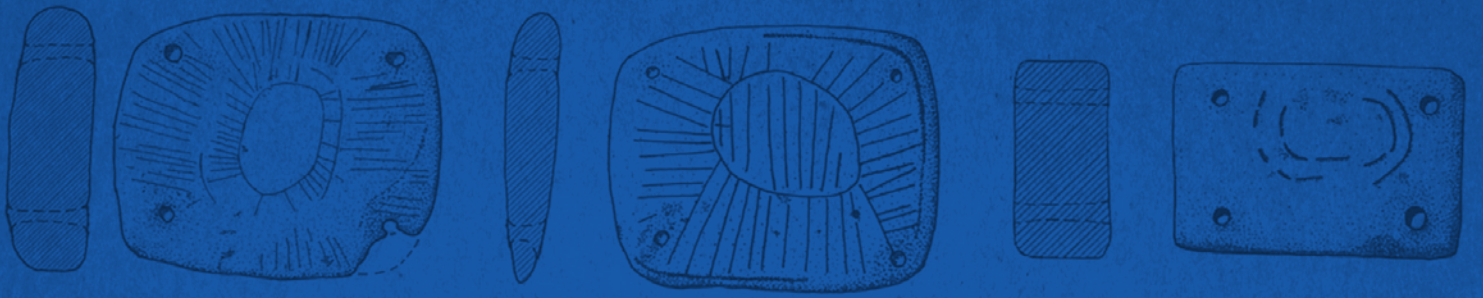
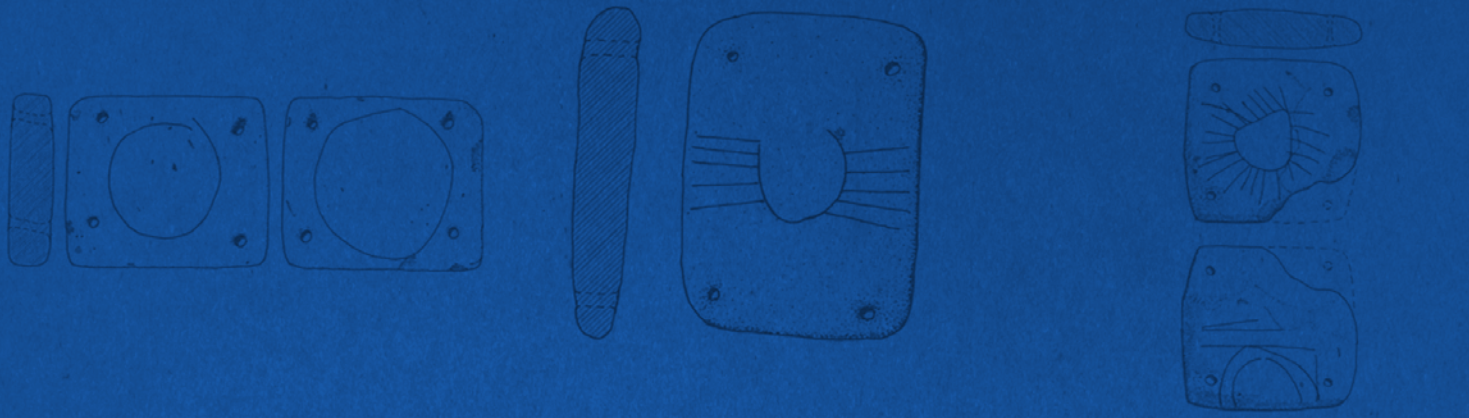


Figura 10 – Imagem panorâmica da Arca de Mijavelhas após a remontagem. Arquivo Metro do Porto, por Fernando Guerra – FG+SG.

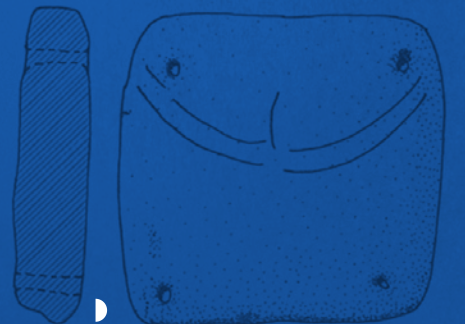


AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua